

Bumba-meu-boi – brincadeira ou espetáculo?

Bumba-meu-boi: fun or show?

Maria do Socorro Araújo¹



Resumo

Este estudo faz uma abordagem das manifestações populares do Maranhão, principalmente o bumba-meu-boi e as modificações que vêm sofrendo ao longo dos séculos para se adaptar às transformações da sociedade. Trata ainda da contribuição que o turismo cultural deve dar à preservação da cultura do povo.

Palavras-chave: **Bumba-meu-boi. Turismo. Cultura.**

Abstract

This study is about some popular manifestations of Maranhão, specially bumba-meu-boi and the changes that it is suffering in centuries to adapt itself in the society. And, also, this study is about how the cultural tourism can help to preserv the people identity.

Keywords: **Bumba-Meu-Boi. Tourism. Culture.**

Introdução

Este trabalho, nascido do cruzamento entre curiosidade intelectual e aproximação amorosa com o bumba-meu-boi do Maranhão, pretende expor alguns aspectos de uma história em que a tradição e modernidade estão inseridas no processo de sobrevivência deste folguedo ao longo dos anos, como síntese de confluência entre passado e presente, permanência e mudança.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de um estado de caso referente ao bumba-meu-boi da Maioba* sotaque de matraca**, que comemorou 100 anos de existência em 1997. Essa manifestação é um dos principais atrativos turísticos das festas juninas maranhense.

O bumba-meu-boi é uma das manifestações populares mais importantes do Estado, por sua história, seu ritmo, sua indumentária e sua forma alegre, vibrante e contagiente de se apresentar.

Essa brincadeira apresenta vários sotaques ou ritmos fortes, em que se destacam, como os mais importantes, os sotaques de zabumba, matraca, orquestra, baixada e costa de mão. São esses sotaques que determinam o conjunto de personagens, a indumentária e os instrumentos dos grupos.

Neste estudo, objetivou-se reconhecer a dinâmica interna do bumba-meu-boi, tentando apreendê-la ao nível de sua criação e recriação, que certamente é uma expressão de resistência. Nesse sentido, concordamos com Geertz (1973, p.20), quando coloca a cultura como

¹ A pesquisa desenvolveu-se a partir de um estudo de caso referente ao bumba-meu-boi da Maioba sotaque de matraca, que comemorou 100 anos de existência em 1997.

² Maria do Socorro Araújo é professora Adjunto IV do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, leciona as disciplinas de Tradição e Folclore e Cultura Popular, nos Cursos de Turismo e Hotelaria, com pesquisas desenvolvidas na área de Cultura e Turismo. Mestre em Serviço Social pela PUC - São Paulo. Mailto: ccsso@ufma.br

* Bairro da zona rural de São Luís

** Maioba - bairro da zona rural de São Luís

tudo aquilo que os povos ou as pessoas transmitem, explicam ou significam para a sociedade.

Em termos operacionais, a pesquisa realizada utilizou a técnica de entrevista e história oral, visando a recompor a história do bumba-meu-boi. Fizeram parte da pesquisa o presidente do boi, José Inaldo Ferreira, cuja história de vida se confunde com a história do bumba-meu-boi, e as pessoas mais velhas que estavam dispostas a fornecer informações necessárias e importantes para o trabalho. Somente através desse processo teve-se a possibilidade de visualizar sua história e significação na vida das pessoas que fazem essa brincadeira.

As manifestações populares maranhenses são heranças culturais de um passado, e ainda hoje constituem importante elemento de organização social e cultural desta comunidade.

Tais manifestações se modificaram ao longo dos séculos, adequando-se às realidades nas quais estão inseridas: algumas delas desapareceram, outras foram incluídas, outras se adaptaram e outras permaneceram, acompanhando a própria dinâmica da sociedade.

Tornou-se um bem cultural, valorizado não só no mercado turístico, mas fazendo parte das identidades culturais do Maranhão dos ludovicense. Suas histórias não estão guardadas nos armários. Estão presentes no dia-a-dia das pessoas, nos cantos, nas ruas da cidade, nos casos contados, na memória dos mais velhos que contam sobre suas formas de vida, danças, festas e rituais, de modo que essa história local faça parte da memória viva da comunidade maranhense.

Essa lógica que norteia as relações do homem maranhense e as manifestações culturais (culto aos santos, pagamento de promessas, rituais, festas, danças e outros) é que permeia o vigor das festas em cada ciclo de apresentação.

Atenção! O Bumba-meu-boi vai guarnicê!
Observe, a brincadeira vai começar!
 Convidamos você, leitor, para entrar nesta festa e dançar noite a fio, ao som do repicar das matracas, do rufar dos tambores onça e da vibração dos pandeirões. Alegremente venha sentir conosco a força e energia desse batalhão pesado que brinca em São Luís do Maranhão. É o boi da ilha! Viva São João, São Pedro e São Marçal!

Para falar dessa temática achamos importante fazer um rápido histórico do bumba-meu-boi do Maranhão como forma de inseri-lo na discussão sobre o passado e o presente e suas relações entre cultura e turismo.

Supõe-se que o boi tenha surgido no início do século XVIII, e que foi muito perseguido até meados do século XX pelos aparatos de repressão da burguesia, mas conseguiu sobreviver e se manter até os dias atuais.

Pouco se sabe sobre a sua história. O que se tem a respeito são alguns registros, uns escritos por cronistas em jornais daquela época e outros relatados através da memória oral. Observe:

Existe pelo menos uma referência mais antiga, que encontrei num jornal maranhense. Trata-se de uma carta enviada para um jornal no final do ano de 1820, que contém uma breve descrição na qual o bumba-meu-boi era pintado como uma perigosa assembléia indígena noturna (uma maloca de 40-50 pessoas) que tinha tanto o caráter marcial (as pessoas estavam armadas com instrumentos de fogo) quanto o caráter festivo e alegre, e estava explicitamente associado à ameaça de revolução (ASSUNCAO, 1999, p.11).

Sabe-se, por exemplo, que até as décadas de 30 e 40 do século passado o boi não vinha até o centro da cidade de São Luís. Eles iam até certo ponto dos bairros Monte Castelo e João Paulo e não entravam na parte central da Cidade. As famílias burguesas tinham um verdadeiro pavor do boi e do tambor. Isto reforçava a ação policial de perseguição junto às manifestações populares. Conta-se que às vezes a polícia dava batida nos seus barracões, acabava com tudo e botava o barracão abaixo.

A Maioba hoje tem a felicidade de dizer que é uma brincadeira centenária. Tivemos a felicidade de nos preocupar com isso. Uma brincadeira tão antiga dita pelos nossos avós, antepassados... Mãe Rita que era a maiobeira centenária que lembrava da história, da vivência, né?... Ela foi primordial nesse ponto porque ela conseguiu ainda bastante lúcida dar depoimentos que realmente foram muito importantes para nós... mãe Rita faleceu no ano seguinte às comemorações do centenário, em 1998 (FERREIRA, 2000).

A memória oral e escrita possibilita o resgate da história de uma localidade, de uma manifestação através dos registros e das lembranças de vivências passadas, que também já foram transmitidas oralmente de outras gerações.

O surgimento do boi, segundo onde nós chegamos, né? A brincadeira tem mais de 100 anos, mas nos interessa 100 anos. A brincadeira passou pra vários estágios, inclusive o início dessa brincadeira na Maioba, passou pelo boi de cofo³, pra chegar onde é hoje. E aí foi havendo crescimento... E também não era só aqui na Maioba. Acontecia, por exemplo, naquela época (eu, inclusive, ainda alcancei essa forma de fazer o boi), a pessoa melhor financeiramente comprava a cabeça do boi, no dia da matança e ele ficava encarregado de fazer o boi no outro ano. Agora se você morasse lá no Mocajituba, perto da beira do rio, ali que ia acontecer o Boi da Maioba. Se você morasse lá na Trizidela, bem próximo ali da Forquilha, já chegando ali no Cohatrac, aí você também ia fazer o Boi da Maioba, lá na Trizidela. Se você morasse lá no Bacuritiua, que é um bairro próximo ao Maiobão, ele ia acontecer lá, e aí por diante. Era uma pessoa e todos se juntavam em torno dela para dar o apoio e o boi acontecia ali como Boi da Maioba

(FERREIRA, 2000).

Essas referências permitem que façamos uma leitura sobre o bumba-meu-boi, que, embora perseguido e discriminado pela burguesia (em 1861 foi proibido e só foi reconsiderado em 1868, quando o semanário maranhense *faz saudação a sua volta depois de um período de repressão policial* – ARAÚJO, 1986, p.55), conseguiu sobreviver e manter vivo o sentimento de identidade e o fazer coletivamente. Ao chegar ao século XXI, pode-se sentir e vivenciar o vigor dessa brincadeira na cultura maranhense. Claro que no decorrer dos séculos houve alterações no bumba-meu-boi, alterações que foram necessárias e inevitáveis, visto que houve também inúmeras modificações no modo de viver e agir das classes sociais. O boi, como parte integrante de uma sociedade dinâmica, precisou adaptar-se à realidade, para poder estar vivo, ou

melhor, se atualizar para ser preservado no contexto da sociedade contemporânea.

A tradição é vista como fato dinâmico que intervém no presente, contribuindo para a formação de novas relações sociais.

O presidente do Boi da Maioba (2000) diz que a brincadeira passou por vários estágios, inclusive no início passou pelo boi de cofo, enfeitado com flores naturais, papel celofane e sem uma indumentária específica dos brincantes, para chegar ao que é hoje – o boi de brilho, com lantejoulas, miçangas, canutilhos, veludos e indumentárias específicas.

Nos grupos populares há uma convivência pacífica entre o velho e o novo, com formas conservadoras e progressistas que se complementam no cotidiano.

Éster Maques (2000:p.7) diz:

a atualização deve ser consequência natural da tradição, não à fragmentação dela ou a sua recusa, de tal forma que, apesar das mudanças, nós possamos reconhecer o folguedo como bumba-meu-boi nos próximos 100 ou 200 anos ainda como parte da memória presente.

Tais colocações nos levam a perceber que, nesse processo de mudança, determinados aspectos vão se modificando e sendo recriados outros, abrindo um espaço para as novas produções de acordo com as exigências da sociedade moderna.

A gravação ajudou muito, o CD ajudou muito... o CD não, na época do vinil, porque tinha como mostrar o trabalho na emissora de rádio..., e o certo é que foi cansativo, mas valeu a pena. Graças a Deus, aí foi o período que chegou a história do centenário e a Maioba realmente conseguiu... vamos dizer assim, arrebanhar pra em torno de si um grande público

³ (PASSOS, 2000)

No contexto desta sociedade, o turismo cultural tem sido um grande segmento do mercado, oferecendo novas oportunidades para a revitalização de cidades históricas, desencadeando o processo de aproximação entre o passado e o presente, com interesse na valorização e no conhecimento do próprio passado. Em São Luís o bumba-meu-boi tem feito essa aproximação tanto com a comunidade quanto com o visitante .

³ Ver a entrevista feita com Sandoval Passos. Entrevista com brincante do Boi da Maioba. São Luiz, 2000.

A Maioba tem uma legião muito grande em toda a ilha, Liberdade... da Forquilha pra lá, todos os bairros tem uma grande admiração pela Maioba. Daí a dificuldade. Se fosse só a Maioba era muito fácil: 4, 5 ônibus resolvia o problema. Maiobão, por exemplo, cada dia cresce mais, o número de pessoas dando apoio a nossa brincadeira. E aí por diante... 2 ônibus na Liberdade, 2 no João Paulo, 2 no Coroadinho, aí quando você vê é muita gente reunida. Ele transporta 600 pessoas, tá? Agora os torcedores que tem carro... O Boi da Maioba, quando sai de um lugar para outro, dá um comboio de 100 carros (PASSOS, 2000).

Nas propostas de planejamento turístico que envolvem as manifestações culturais, o turismo deverá influenciar na secularização das festas dos rituais e, de outro lado, provocar um reforço da identidade do povo diante do visitante.

Como diz Magnana (1990:121) “a cultura não se constituiu de cultos e costumes, mas das estruturas de significados, através das quais os homens dão formas as suas experiências”.

Essas experiências são adquiridas no cotidiano pelo fazer individual e coletivo. É através desse fazer que se expressam as realizações humanas que devem ser respeitadas e preservadas pelas suas significações.

Uma questão se coloca: o turismo é uma ameaça ou um fator de preservação das tradições culturais?

O Turismo ele é o ano todo, né? E nós só desenvolvemos o nosso trabalho por temporada. Então existe essa diferença. Os ensaios começam no último sábado de março e vamos até o último sábado antes de São João, antes do batizado. Esse período dá 10, 12 ensaios. O batizado acontece rigorosamente véspera de São João, aqui na porta da igreja, o padre celebra missa e tal... uma festa muito grande, que arrebanha muita gente, muito marcante pra nós. Essa data é o momento que a gente entrega o boi para a comunidade (FERREIRA, 2000).

Quando se fala em preservação, quer dizer que “preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons,

músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares...” (PELLEGRINI, 1993:45).

Acrescentamos dizendo que preservar é contar a nossa história para que se conheça e não se torne esquecida; é mostrar as nossas tradições e divulgar as nossas festas, para que crie um orgulho cultural nas pessoas; é valorizar as criações, recriações e experiências coletivas.

A festa é uma encenação gostosa. O nêgo Chico é um empregado do fazendeiro de certa região e ele era fiel ao patrão. Aí a Catirina, esposa dele, engravidada e acha de querer comer a língua do boi mais bonito. Porque a fazenda tem “enes” bois, “enes” touros, mas tem aquele que é o reproduutor, o preferido e ela só queria se fosse esse. Coisa de mulher, né? E ele se assujeitou. Por ser de confiança, ele teve que roubar o boi pra satisfazer sua mulher. Aí o que acontece? O boi adoece, quase morre, mas o patrão consegue descobrir a tempo. O patrão no bumba-boi é representado pelo amo (o Cantador), é o homem rico da história. Aí ele busca os seus ajudantes até chegar onde o boi está e já pega o boi nessa situação doente e tal... aí é que vem a outra história: vem o pajé, que hoje é substituído pelo doutor. Antigamente, era o pajé que fazia a magia pro boi se restabelecer e hoje, com a evolução, né, é o veterinário. Então, aí o boi consegue se restabelecer e é festa pra todo mundo (PASSOS, 2000).

O turismo “configura-se no âmbito da cultura como um aspecto da relação tradição, modernidade, colocando-se como exigência da sobrevivência da tradição na sociedade capitalista” (CARVALHO, 1995:60).

É importante considerar que nessas sociedades capitalistas a produção cultural se articula com o mercado que consome o seu produto (manifestações populares), o qual se dá via turismo enquanto organização mercantil de lazer.

Nessa perspectiva, esse segmento de mercado em expansão que é o turismo cultural conduz a uma visão otimista da atividade, como fonte de riqueza, trabalho e renda que propicia a preservação e sustentabilidade da cultura, respeitando os rituais e as festas populares.

A morte do bumba-boi é sempre no último domingo de julho. A gente vem levando isso, é fato já desde o período das pessoas que já se foram... a gente vem e passou a ser tradicional. No último domingo de julho, começa nossa festa, com uma semana de festa e com vários atrativos no decorrer da semana (PASSOS, 2000).

Preservar é não destruir o nosso patrimônio histórico, cultural e natural; é fazer com que esse patrimônio se torne sustentável, permitindo que as gerações futuras usufruam também das riquezas do meio ambiente.

Sustentabilidade significa “*desenvolver sem degradar, sem destruir os recursos que tornam esse desenvolvimento possível*” (Manual dea Embratur 1996:1).

Esse desenvolvimento sustentável possível implica em ações que possibilitem a melhoria da qualidade de vida das classes populares (saúde, educação, moradia, emprego etc.). É necessário que essas classes tenham condições mínimas de sobrevivência.

Caso contrário, em função da subsistência, muitas vezes o turismo traz um grande prejuízo à cultura: esse produto será comercializado a qualquer preço e sem nenhum respeito às suas tradições, havendo uma desestruturação dos valores e práticas culturais, como no exemplo que segue:

Aconteceu um determinado ano desse aí, que logo depois da morte do boi, uma semana depois, a gente foi chamado para uma apresentação. “Rapaz, esse boi não morreu?” Aí eu digo: “Não...”, então só criando o ressuscitar do boi, que aí pronto. O boi já ressuscitou já pode brincar. Se houvesse um apoio assim de forma mais permanente, a gente estaria à disposição também todo tempo, pra se apresentar.” (FERREIRA, 2000).

Outras consequências:

Os ensaios, a gente teve a audácia, né, até pela própria falta de recursos, de mudar da Maioba para o Aterro do Bacanga (Centro). Por que a única forma que o boi sobrevive... tão fazendo então um questionamento muito grande, aqui, agora... Por quê? Por que nos temos 146 associados.. há cinco anos que ninguém dá um centavo... 5 reais por mês

(FERREIRA, 2000).

No caso específico da cultura popular, muitas vezes acontece o desaparecimento de determinadas manifestações, ou a perda de sua identidade cultural, não pela vontade dos grupos que fazem, mas em função das condições sociais e econômicas em que as pessoas vivem.

O Presidente do Boi da Maioba (2000) fala ainda sobre as dificuldades de sobrevivência do bumba-meuboi, dizendo:

O barracão por exemplo. Nós mandamo escorar todinho, tava quase caindo, a madeira toda comprometida, e a gente não pode fazer nada. Nós tamos fazendo aí um levantamento para fazer contenção de despesa e essa contenção de despesa vai afetar a brincadeira... porque tá tudo muito difícil... e as dificuldades na verdade são imensa. Nossa sobrevivência, a sobrevivência da associação é só da venda das cervejas no ensaio e cachê nas apresentações. Tem sido muito difícil... por isso nós antecipamos a nossa temporada, cê vê que a maioria dos grupos só ensaiam 3, 4 vezes, nós ensaiamos 10, 11 até 12 vezes... se sobra R\$ 100,00, R\$ 200,00, R\$ 300,00 por ensaio é o que ajuda para nós poder fazer a brincadeira.

Como podemos observar, essa brincadeira, que vem sendo passada de geração a geração há mais de 100 anos, resiste pela força da cultura, isto é, pela vivência coletiva que é permeada de significados. As dificuldades dos grupos muitas vezes alteram determinadas formas de produções originais por exigência das relações capitalistas junto às classes populares. Logo, as políticas que sustentam os padrões de vida atual devem ser refeitas, pois que se baseiam na deterioração das bases produtivas e na diminuição de sobrevivência das próprias gerações.

O turismo deve ser planejado e gerenciado de modo a melhorar a qualidade de vida dos residentes e proteger os ambientes locais, tanto natural quanto culturalmente.

No discurso da sociedade contemporânea, a sobrevivência das manifestações populares deve estar baseada na proposta de sustentabilidade. As oportunidades econômicas devem ser direcionadas para a comunidade local, tendo todo um envolvimento da população no processo. Para que se concretize essa proposta, é necessário estimular ações criando

instrumentos de construção de uma consciência coletiva sociocultural e ambiental.

Eu tô com um projeto junto à Secretaria de Cultura pra ver se consegue a reforma do Barracão e fazer com que funcione a creche. E aqui nós queremos fazer nosso Centro Cultural, pra ficar uma exposição permanente da brincadeira e a partir daí, a gente buscar através de convênio, de cursos... de bordados e tal, beneficiar a comunidade (FERREIRA, 2000).

Essa questão não pode ser vista e tratada isoladamente. É importante a participação da sociedade no seu conjunto, num processo de planejamento e gestão das políticas em que o gerenciamento dos recursos e ações envolvam a comunidade para que ela se sinta participando do processo, e desta forma possa proteger os seus recursos naturais e culturais, assegurando continuidade das diversidades existentes na localidade.

O turismo cultural deve ser desenvolvido como um espaço de preservação e sustentabilidade da cultura. É importante que essa atividade de mercado se efetive com sensibilidade e criatividade, respeitando a dinâmica das produções culturais.

A gente trabalha o ano todo pra se apresentar bonito prá cidade e pro turista
(FERREIRA, 2000).

Referências

ARAÚJO, Maria do Socorro. **Tu contas! Euuento!** São Luís: SIOG, 1986.

ASSUNÇÃO, Matias Rohrig. A formação de cultura maranhense: algumas reflexões preliminares. **Boletim da Comissão Maranhense do Folclore**, São Luís,

n.14, p.1-31, ago. 1999. Disponível em: <<http://cmfolclore.sites.uol.com.br/bol14.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2004.

BURSZTUN, Marcel. **A difícil sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Garamon, 2001.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o temo é o bumba-boi do Maranhão**: um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís: SECMA, 1995.

EMBRATUR. **Manual de municipalização do turismo**. Brasília, DF, 1996.

ESPOSITO, I. et al. Repercussões da fadiga psíquica no trabalho e na empresa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 8, n. 32, p. 37-45, out./dez. 1979.

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de caboclo**. São Luis: SECMA, 1994.

GEETZ, Clifford. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GEETZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARQUES, Éster. Tradição e modernidade no bumba-meu-boi. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n. 17, p.1-34, ago. 2000. Disponível em: <<http://cmfolclore.sites.uol.com.br/bol17.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo: Papirus, 1993.

THEOBALD, William F. **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001.